

Já viu esse filme?

Documentário sobre o aquecimento global traz de volta à ribalta o ex-vice-presidente e candidato derrotado à Presidência dos EUA Al Gore

JORGE PONTUAL, DE NOVA YORK

Se campanha eleitoral só fosse permitida no cinema, Al Gore seria o presidente dos Estados Unidos. O documentário de Gore sobre a “crise do clima”, como ele chama o aquecimento da atmosfera, *Uma Verdade Inconveniente*, é um sucesso de público e de crítica. Estreou em maio e continua em cartaz, ganhando mais público a cada semana.

Virou a ponta-de-lança de um movimento político, ajudando a mobilizar os americanos contra o governo Bush. E reacendeu a esperança de que Gore venha a se candidatar de novo à Casa Branca em 2008, embora ele insista em dizer que não é candidato.

Na época em que era o vice de Bill Clinton (1993-2001) e, depois, candidato a presidente, Gore não sabia se comunicar com o grande público. Tinha dificuldade em parecer simpático e acessível na TV. Mas, liberado da

CARTAZ DE PROMOÇÃO
DO FILME: SUCESSO DE
PÚBLICO NOS EUA, PAÍS CUJO
GOVERNO É OSTENSIVAMENTE
CONTRÁRIO A POLÍTICAS
DE PRESERVAÇÃO DO
MEIO AMBIENTE

De longe o filme mais impactante que você já viu

uma verdade inconveniente
UM AVISO GLOBAL

13 de outubro nos cinemas

dez coisas a fazer

Quer ajudar a deter o aquecimento global? Aqui estão 10 sugestões de medidas simples que você pode adotar e as quantidades de dióxido de carbono que deixarão de ser emitidas.

- Troque as lâmpadas**
Substitua uma lâmpada convencional por uma fluorescente: reduz a emissão de dióxido de carbono em 70 Kg por ano.
- Use menos e estire**
Carinho, não de bicicletas, revise o uso do carro com amigos e colegas de trabalho ou use transportes públicos com mais frequência. Para cada quilômetro que deixar de percorrer de carro, você evita a emissão de cerca de 300 gramas de dióxido de carbono.
- Recicle mais**
Você pode evitar a produção de uma tonelada de dióxido de carbono por ano simplesmente reciclando o lixo de sua casa.
- Verifique os pneus**
Manter os pneus calibrados pode diminuir o consumo de gasolina em mais de 3%. Cada litro de gasolina economizado evita que quase 3 Kg de dióxido de carbono vão para a atmosfera!
- Consuma menos água quente**
Gasto-se muita energia para aquecer a água. Use menos água quente instalando um chuveiro de fluxo reduzido (160 Kg de CO2 evitados em um ano) e lave as roupas com água fria ou morna (225 Kg por ano).
- Evite produtos muito embalados**
Você pode evitar 550 Kg de dióxido de carbono se reduzir o seu lixo em 10%.
- Ajuste o termostato**
Diminuir em 2 graus a temperatura das aquecedoras no inverno, e aumentar também 2 graus a do ar condicionado no verão pode evitar, por ano, que 900 Kg de dióxido de carbono sejam produzidos.
- Plante uma árvore**
Uma única árvore é capaz de absorver uma tonelada de dióxido de carbono ao longo de sua existência.
- Torne-se parte da solução**
Sua mãe e participe ativamente acessando ClimasCrisis.net.

Divulgue! Incentive seus amigos a encerrar "uma verdade inconveniente".

camisa-de-força da política, surgiu um novo Al Gore. Em maio, ele apareceu pela segunda vez no programa humorístico *Saturday Night Live*, como se fosse o presidente fazendo um pronunciamento à nação. Nessa vida imaginária, na qual Gore estaria na Casa Branca, George W. Bush seria o presidente da Comissão Nacional de Beisebol, George Clooney, o presidente da Suprema Corte e os Estados Unidos, o país mais amado do mundo.

Uma gozação inteligente, que faz pensar: e se fosse verdade?

Albert Arnold Gore Jr. foi criado para ser presidente dos Estados Unidos. O nascimento dele, em 1948, foi notícia de primeira página no principal jornal de Nashville, Tennessee, estado onde o pai, o senador Al Gore Sr., era o político mais poderoso. Com QI de gênio, entrou para Harvard e comunicou aos colegas que um dia moraria na Casa Branca, o que vem tentando desde 1988.

Ao contrário de Bush, que o derrotou em 2000, Dick Cheney (o atual vice) e Clinton, ele se ofereceu como voluntário para ir combater no Vietnam, embora fosse contra a guerra, e serviu como repórter, cobrindo batalhas para o jornal do Exército. Entrou para a política em 1976, eleito deputado federal, e em 1984 se elegeu para o Senado, onde esteve até se tornar o vice de Clinton. Como sucessor natural de Clinton, era difícil imaginar que



NUM DOS DEBATES COM GEORGE W. BUSH NA CAMPANHA DE 2000: ARROGÂNCIA CRITICADA

Gore pudesse perder a eleição de 2000: os dois presidiram um dos mais longos períodos de prosperidade dos Estados Unidos; Clinton superara a tentativa de impeachment armada pelos republicanos em torno do caso Monica Lewinsky; e o adversário, George W. Bush, era um inexperiente e despreparado governador do Texas.

Sucessão de erros

Mas, como candidato, Gore cometeu vários erros cruciais. Tentou se afastar de Clinton, para atrair os eleitores que abominavam o presidente libidinoso. Escolheu como vice um político inexpressivo, o senador Joe Lieberman, que não empolgava sequer os seguidores do partido Democrata, mas que tinha sido o primeiro a atacar Clinton. Perdeu feio para Bush nos três debates pela TV, passando uma imagem de arrogância e elitismo, enquanto o adversário explorava a fachada de homem comum. Nos debates, Gore tratou Bush como ignorante e idiota. O texano pode não ter o QI de Gore, mas de idiota não tem nada.

O candidato da Casa Branca não conseguiu levar nem o próprio estado dele, o Tennessee, nem o de Clinton, o Arkansas. Mas na votação popular superou Bush por meio milhão de votos. Só não venceu porque a Suprema Corte decidiu, por um voto, encerrar a contagem na Flórida, entregando o estado, o Colégio Eleitoral e a Casa Branca aos republicanos.

No primeiro ano e meio depois de perder a Casa Branca Gore sumiu. Deixou crescer a barba, engordou, saiu da arena política. Mas, diante dos planos do governo Bush de invadir o Iraque, ele decidiu voltar. Em setembro de 2002, fez um discurso incisivo, apaixonado, no qual previu corretamente que a invasão do Iraque para derrubar Saddam Hussein levaria o país ao caos e só serviria para ajudar os inimigos dos Estados Unidos. Mas, isolado no seu partido, não conseguiu influenciar seus antigos colegas, e o Senado aprovou com o voto dos democratas uma resolução apoiando o uso da força contra Saddam.

Liberado das restrições da política partidária, Gore se tornou um dos mais radicais críticos do presidente Bush. Chamou as prisões onde militares americanos são acusados de torturar prisioneiros, no Iraque, no Afeganistão e na base de Guantánamo, em Cuba, de "o Gulag americano". Apoiou, na eleição de 2004, Howard Dean, o único candidato democrata que exigia o fim imediato da guerra no Iraque. Acusou Bush de ceder diante de qualquer pressão das grandes corporações que financiam o partido Republicano, especialmente na questão do meio ambiente. Muitos eleitores de Gore em 2000 lamentam que ele não tenha adotado, na época, a retórica candente

de sua atual oposição a Bush. Quem sabe a história teria sido diferente.

Outros fãs de Gore acham que ele escolheu a carreira errada. É introvertido demais para ser político. Teria sido um brilhante professor universitário. Mas o dia-a-dia da política, as concessões, o *mano a mano* com os eleitores, o aborrecem. É um intelectual, talvez a pessoa mais preparada que os Estados Unidos já tiveram em cargos eletivos, e quis ser presidente para pôr em prática suas idéias e teorias sobre a sociedade, a economia, o meio ambiente, a informação. Mas não é um político nato, um arrebanhador de votos.

Como pensador, Gore é um visionário. Nos anos 80, foi o primeiro político a perceber o potencial da Internet, então um reduto de cientistas. Por



GORE, SUA ESPOSA, TIPPER (À SUA ESQ.), E A EQUIPE DE FILMAGEM DIVULGAM UMA VERDADE INCONVENIENTE EM CANNES

pressão pessoal dele, como senador, o governo americano finalmente decidiu, em 1991, financiar a expansão maciça da rede, criando o que Gore chama de "a estrada da informação". Os inimigos deboçam dele, por ter se atribuído a invenção da Internet, mas o fato é que sem Gore é possível que o crescimento da rede tivesse acontecido de outra forma, bem mais lenta.

Mas o principal trunfo de Gore, que provavelmente ficará como seu legado, é ter sido o primeiro político a acordar, ainda

nos anos 70, para o risco do aquecimento da atmosfera pelo efeito estufa, fruto da queima de combustíveis na crescente industrialização do planeta. Num país no qual o cidadão se considera no direito de possuir quantos carros quiser, usar energia sem limites e não se importar com as consequências, é preciso muita coragem política para erguer a bandeira da conservação de energia, da substituição dos combustíveis fósseis, da mudança radical no estilo de vida.

Continua a ser uma plataforma pouco popular, tanto assim que o partido Verde não tem um único político eleito em nível federal. Por ironia, o candidato verde a presidente em 2000, Ralph Nader, tirou de Gore 5% dos votos. Se não fosse por isso, mesmo perdendo a Flórida para Bush ele teria ido para a Casa Branca – e talvez ainda estivesse lá.

Enquanto esteve no governo, Gore conseguiu que os Estados Unidos, apesar da oposição unânime do Senado dominado pelos interesses das empresas do setor energético, negociassem e assinassem o Protocolo de Kyoto, pelo qual as principais nações industrializadas se comprometeram a reduzir as emissões de carbono. Gore foi ao Japão para assinar pessoalmente o acordo, em nome do presidente Clinton. Uma das primeiras medidas de Bush, certamente para humilhar

Gore, além de satisfazer a indústria do petróleo, do gás e do carvão, foi repudiar a assinatura e o tratado. Por conta disso, o país que mais contribui para o efeito estufa, com 1/4 das emissões de carbono, ficou de fora da única tentativa de enfrentar a maior ameaça ambiental do século.

O governo Bush ainda questiona os cientistas que demonstram a ameaça do efeito estufa. Recentemente, a Casa Branca tentou calar o cientista que há mais tempo estuda o fenômeno, o cli-

matologista James Hansen, porque ele é funcionário da Nasa. Hansen resiste, mas a mídia continua a dar espaço à alegação de que não há consenso científico sobre o aquecimento da atmosfera.

É nesse quadro que *Uma Verdade Inconveniente* ganhou dimensões políticas. Ao contrário do que Bush tenta vender, o público americano hoje acredita que o aquecimento global é um problema grave e que algo precisa ser feito urgentemente pelo governo. A destruição de Nova Orleans pelo furacão Katrina acordou os americanos para a ameaça de inundação das áreas costeiras, uma das consequências do aquecimento global. E os climatologistas constataram que o aquecimento da atmosfera nas últimas décadas resultou num aumento do número de furacões de alta intensidade como o Katrina. Outros indícios, como a extinção de espécies, fortes secas em muitas regiões e inundações devastadoras em outras, em decorrência dos extremos climáticos trazidos pelo aquecimento global, não atingem tão diretamente o dia-a-dia, mas fazem parte do quadro detalhado apresentado por Gore em seu filme.

Efeito Katrina

O documentário não segue as convenções do gênero. Em vez de filmagens extensas pelo mundo afora o filme se concentra em palestras de Gore, nas quais ele mostra slides e fala, fala, fala. É uma aula. Mas o surpreendente é que o discurso é tão coerente, claro e profundo que o público se deixa levar e convencer.

Enquanto foi o vice de Clinton, Gore criou fama de chato. Um sujeito desprovido de qualquer graça. Agora, ele sempre começa suas palestras com uma piada: "Eu sou Al Gore, e fui o próximo presidente dos Estados Unidos". Para quem viu o ex-vice na TV antes de 2000, ele parece hoje um outro homem. O novo Al Gore tem tudo a ver com a decisão de não se candidatar. O

ex-vice se diz "liberado" pelo fato de não ter mais que calcular cada palavra de acordo com as pesquisas de opinião e os palpites de assessores. Daí ter surgido, para surpresa geral, um Gore espontâneo, engraçado e simpático, que diz o que pensa.

Afastado da política partidária, ele se dedica agora à campanha contra o aquecimento global e aos negócios. É membro do conselho da Apple, conselheiro estratégico da Google e sócio de um canal de TV a cabo, a Current TV, no qual o público é quem fornece o conteúdo. E é na qualidade de *expert* no tema que



COM TIPPER, NO PROGRAMA DE ENTREVISTAS DE LARRY KING, NA CNN.

Gore virá ao Brasil em outubro para ser o convidado de honra na cerimônia de entrega do Prêmio ECO, iniciativa da Amcham que reconhece projetos de responsabilidade social corporativa.

Com o sucesso do filme, retomou força a idéia de que Gore seria o melhor candidato a presidente pelo partido Democrata em 2008, quando o adversário republicano mais provável deverá ser o senador John McCain. Ninguém duvida que a senadora Hillary Clinton tentará conquistar a indicação pelos democratas. Mas a rejeição a ela é grande, não só por ser mulher, mas principalmente por ser casada com Bill Clinton.

Gore continua a insistir que não é candidato, mas não afasta a hipótese de voltar à política. Ainda faltam dois anos para as eleições presidenciais americanas, e até lá pode ser que o homem que foi o próximo presidente dos Estados Unidos finalmente consiga ir morar na Casa Branca. ■